



COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ NO ESTADO DE SÃO PAULO AO NÍVEL DO PRODUTOR

Irene J. E. Goldenberg, Arthur A. Ghilardi e Roxana Topel

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura

Instituto de Economia Agrícola



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura
Instituto de Economia Agrícola



COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ NO ESTADO DE SÃO PAULO AO NÍVEL DO PRODUTOR

Irene J. E. Goldenberg
Arthur A. Ghilardi
Roxana Topel

São Paulo
1979

INDICE

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - OBJETIVO.....	2
2.1 - Coleta de Dados.....	2
3 - CARACTERISTICAS DA PRODUÇÃO.....	3
3.1 - Tamanho e Número de Estabelecimentos Produtores de Café.....	3
3.2 - Tamanho e Volume da Produção dos Estabelecimentos Produtores de Café.....	4
3.3 - Produção Média por Estabelecimento Produtor de Café.....	5
3.4 - Produção de Café Segundo as DIRAs.....	8
4 - DESTINO DA SAFRA (COMÉRCIO, CONSUMO E ESTOCAGEM).....	13
5 - COMERCIALIZAÇÃO.....	20
5.1 - Volume de Comercialização Segundo as DIRAs.....	20
5.2 - Volume de Estocagem Segundo as DIRAs.....	22
5.3 - Volume de Comercialização Segundo as Categorias de Agentes Compradores ou Intermediários.....	24
5.4 - Volume de Comercialização por DIRA Segundo a Categoria do Agente.....	24
5.4.1 - Maquinista.....	24
5.4.2 - Outros agentes não especificados.....	28
5.4.3 - Cooperativas.....	28
5.4.4 - Instituto Brasileiro de Café (IBC).....	33
6 - CONCLUSÃO.....	33
LITERATURA CITADA	38
RESUMO	39

COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ NO ESTADO DE SÃO PAULO AO NÍVEL DO PRODUTOR (1)

Irene J. E. Goldenberg

Arthur A. Ghilardi

Roxana Topel

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui parte dos estudos que estão sendo realizados sobre a economia cafeeira no Estado de São Paulo, tendo como objetivo análises sobre a produção e comercialização, que possam servir de subsídios à elaboração de políticas do setor, uma vez que a rentabilidade dos produtores poderia estar comprometida pelas práticas de comercialização, num mercado de grande dimensão e de relativa dispersão de oferta.

O problema reveste-se de particular importância em função da representatividade do café na formação da renda da agricultura paulista. Além disso, deve-se também considerar o grande número de interesses envolvidos na sua produção e comercialização. Com efeito, o café tem participado, em média, nos últimos anos, com 15% do valor da produção dos 26 principais produtos agrícolas do Estado. Por outro lado, deve-se lembrar que a comercialização do produto envolve uma população de quase 70.000 produtores, dispersos em diversas regiões do Estado, cuja produção varia grandemente, atingindo médias em torno de 43 a 3.000 sacas em coco por propriedade. As conclusões dessa primeira fase pretendem destacar os aspectos referentes às práticas de comercialização adotadas e às instituições participantes do processo, de modo a focalizar a distribuição atacadista.

(1) O presente relatório integra o subprojeto "Comercialização do Café no Estado de São Paulo", resultante do Projeto IEA/10 "Economia Cafeeira" executado pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, sob os auspícios do Convênio IEA-BADESP. Este trabalho em diferentes fases de sua elaboração contou com a colaboração da equipe da Divisão de Levantamentos e Análises Estatísticas do IEA e dos engenheiros agrônomos do SERAC/IBC, em especial o engenheiro agrônomo Aldir Alves Teixeira.

2 - OBJETIVO

O objetivo do presente trabalho foi o de estudar o quadro geral de produção, de modo a obter uma visão do processo de comercialização, considerando o fato de que é o produtor que lhe dá o início.

Este primeiro passo já assinala aspectos capazes de explicar os movimentos de concentração inicial e de posterior dispersão do café, permitindo, inclusive, obter uma visão integrada dos canais de distribuição na sequência de mercados por que passa o produto.

A análise dessas características partiu do quadro geral da produção, considerando aspectos relacionados ao volume de produção e comercialização, produção média por estabelecimento e destino da safra.

2.1 - Coleta de Dados

Foram utilizados os dados primários colhidos junto aos produtores de café nas várias pesquisas efetuadas pelo Instituto de Economia Agrícola em seus levantamentos de estimativas e previsão de safra (2). Tal levantamento foi baseado em uma amostra geral que utiliza a população de propriedades rurais cadastradas no INCRA. No caso das propriedades cafezeiras, foi extraída amostra específica, numericamente inferida do cadastro geral e baseada no número de pés (1).

Este levantamento abrangeu as dez Divisões Regionais Agrícolas (DIRA) do Estado de São Paulo e as propriedades, classificadas por tamanho de área de conformidade com 12 intervalos, que variam de 3,1 hectares a mais de 3.000,0 hectares.

Com base na amostra estabelecida, procedeu-se à coleta de informações junto a aproximadamente 2.000 propriedades cafezeiras, nos anos de 1973, 1974 e 1975. As pequenas variações observadas entre os resultados anuais se

(2) Os detalhes quanto à determinação da amostra nos levantamentos realizados fazem parte do relatório parcial do Projeto IEA/5 "Ampliação e Melhorias das Estatísticas Agrícolas" publicado em Agricultura em São Paulo, Ano XXI - Tomo III - 1974.

devem ao fato de que são estimativas independentes e obtidas com um número de respostas de questionários que variam de um levantamento para outro.

3 - CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO

3.1 - Tamanho e Número de Estabelecimentos Produtores de Café

Com base na classificação por tamanho de área das propriedades cafeeiras do Estado de São Paulo, procura-se conhecer as características da oferta a nível do produtor ou atacado local, considerando que o tamanho das propriedades seria um indicador de produção (2), ainda que grandes propriedades não sejam necessariamente grandes produtoras de café.

O Estado contava com um total de 70 mil propriedades cafeeiras espalhadas por quase todo seu território, segundo dados de 1974/75. No tocante ao tamanho, os dados revelam que é relativamente maior o número de propriedades pequenas e médias, com mais de 10,1 hectares e com menos de 100,0 hectares. Propriedades desse tamanho, nas safras 1972/73, 1973/74 e 1974/75, somaram cerca de 69,4% do total das propriedades existentes. Dos estabelecimentos existentes, 13,5% são propriedades menores que 10,0 hectares e 17,1% propriedades maiores que 100,1 hectares. Isto quer dizer que a oferta no mercado estadual encontra-se bastante dividida entre um número relativamente grande de médios e pequenos proprietários. Comparando essa distribuição por tamanho das propriedades cafeeiras com a estrutura fundiária no Estado de São Paulo, percebe-se que o quadro se assemelha.

3.2 - Tamanho e Volume da Produção dos Estabelecimentos Produtores de Café

O segundo aspecto referente às características da oferta a nível do produtor diz respeito ao volume de produção segundo o tamanho das propriedades cafeeiras (quadro 1).

Conforme assinalado anteriormente, o parque cafeeiro encontra-se bastante dividido entre um número relativamente grande de médios e pequenos proprietários. Ao se estabelecer um paralelo entre o número e o volume de

QUADRO 1. - Volume e Número de Estabelecimentos Produtores de Café, Estado de São Paulo, 1972/73 - 1974/75

Estrato de tamanho (ha)	Produção de café (sacas coco)			Número de estabelecimentos		
	1972/73	1973/74	1974/75	Jun./73	Jun./74	Jun./75
3,1 - 5,0	107.202	181.118	96.542	4.274	2.854	1.731
5,1 - 10,0	560.987	735.323	694.477	6.549	6.910	5.482
10,1 - 20,0	2.166.996	3.126.732	2.251.285	17.059	15.673	13.657
20,1 - 30,0	2.389.114	4.158.410	2.750.486	9.819	11.532	11.592
30,1 - 50,0	2.816.338	3.762.283	3.268.833	12.641	12.273	10.287
50,1 - 100,0	3.037.972	3.878.444	2.638.471	9.013	10.992	9.045
100,1 - 200,0	2.869.163	3.782.911	2.495.500	4.747	6.192	5.262
200,1 - 300,0	2.124.468	2.502.884	1.875.365	2.208	2.645	2.263
300,1 - 500,0	1.845.071	3.143.682	2.384.383	1.936	2.131	1.869
500,1 - 1000,0	1.779.113	2.543.584	1.494.065	1.418	1.365	1.115
1000,1 - 3000,0	1.515.950	1.557.444	1.350.826	666	774	522
+ de 3000,0	404.782	301.378	113.145	95	114	72
Total	21.617.156	29.674.193	21.413.378	70.425	73.455	62.897

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

produção dos estabelecimentos segundo o tamanho das propriedades cafeeiras, surgem certas diferenças que indicam importante aspecto da oferta no mercado.

Aos estabelecimentos com menos de 100,0 hectares pode ser atribuída a maior parcela de produtores (82,9%), muito embora conjuntamente a produção (53,1%) desses estabelecimentos quase se equipare à produção dos estabelecimentos maiores. Situação oposta se verifica para os estabelecimentos maiores (17,1%), cujo volume ofertado (46,9%) é quase equivalente.

Resumindo, os dados indicam que no comércio do café a oferta do produto depende de dois grupos distintos: de um lado, um grupo representado por pequenos e médios produtores que asseguram metade do fornecimento ao mercado e, de outro, um grupo representado por um número pequeno de grandes proprietários que asseguram a outra metade.

Ao considerar as relações médias de produção/número de propriedades por estrato de tamanho dos estabelecimentos como um indicador aproximado da oferta média individual, reforça-se a evidência anterior de que no mercado de café a oferta é altamente pulverizada, dado o grande número de produtores pequenos e médios com produções médias inferiores (quadro 2). A ruptura entre os dois grupos se dá a partir das propriedades com mais de 100 hectares, onde a proporção de produção por estabelecimento é altamente favorável, elevando de 1,63 para 11,00 a produção por propriedade.

3.3 - Produção Média por Estabelecimento Produtor de Café

Outro tipo de abordagem a ser feita refere-se ao tamanho médio dos lotes ofertados ao mercado, uma vez que ele depende diretamente do nível de produção média dos estabelecimentos no período considerado. Tomando-se por base os dados anteriores, verifica-se que estes dados apresentam diferenças fundamentais se comparados com a média de produção por propriedade no Estado de São Paulo de 351,6 sacas de café coco. Para as propriedades com menos de 100 hectares, têm-se valores inferiores a 328,9 sacas e superiores a 43,4 sacas. Nos estratos onde o nível de concentração é maior, essas médias oscilam entre 162,7 a 328,9 sacas por propriedade. Nas propriedades maiores, aquele valor médio é usualmente ultrapassado, conforme se pode depreender pelos dados constantes no quadro 3.

Ainda que para alguns produtores a comercialização da produção resulte de diversas transações, os níveis médios de produção acima descritos já

QUADRO 2. - Distribuição Relativa das Unidades de Produção, segundo o Estrato de Tamanho e de Volume de Produção, Estado de São Paulo, Média das Safras 1972/73, 1973/74 e 1974/75

Estrato de área	Produção média de 3 safras	Nº médio de propriedades no período de 3 safras	Relação
(ha)	(%)	(%)	(1)/(2)
	(1)	(2)	(1)/(2)
3,1 - 5,0	0,5	4,3	0,11
5,1 - 10,0	2,7	9,2	0,29
10,1 - 20,0	10,4	22,4	0,80
20,1 - 30,0	12,8	16,0	0,80
30,1 - 50,0	13,6	17,0	0,80
50,1 - 100,0	13,1	14,0	0,94
100,1 - 200,0	12,7	7,8	1,63
200,1 - 300,0	8,9	3,4	2,62
300,1 - 500,0	10,1	2,9	3,48
500,1 - 1000,0	8,0	1,9	4,21
1000,1 - 3000,0	6,1	1,0	6,10
+ de 3000,0	1,1	0,1	11,00

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3. - Produção Média por Estabelecimento, no Estado de São Paulo, Segundo o Estrato de Área, Safras 1972/73, 1973/74 e 1974/75

Estrato (ha)	Produção média de café		Número médio de propriedades		Média de produção por propriedade (sacas coco) (1)/(2)
	(1)		(2)		
	Saca coco	%	Total	%	
3,1 - 5,0	128.287	0,5	2.953	4,3	43,4
5,1 - 10,0	663.596	2,7	6.314	9,2	105,1
10,1 - 20,0	2.515.004	10,4	15.463	22,4	162,7
20,1 - 30,0	3.099.337	12,8	10.981	16,0	282,3
30,1 - 50,0	3.282.485	13,6	11.734	17,0	279,7
50,1 - 100,0	3.184.962	13,1	9.683	14,0	328,9
100,1 - 200,0	3.049.191	12,7	5.400	7,8	564,7
200,1 - 300,0	2.167.572	8,9	2.372	3,4	913,8
300,1 - 500,0	2.457.712	10,1	1.979	2,9	1.241,9
500,1 - 1000,0	1.938.921	8,0	1.299	1,9	1.492,6
1000,1 - 3000,0	1.474.740	6,1	654	1,0	2.255,0
+ de 3000,0	273.102	1,1	94	0,1	2.905,3
Total	24.234.909	100,0	68.926	100,0	351,6

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

representam um indicador de tamanho dos lotes ofertados ao mercado e cujos valores freqüentemente se mantêm próximos das 300 sacas de café coco.

3.4 - Produção de Café Segundo as DIRAs

Conforme assinalado, a atividade cafeeira encontra-se bastante difundida no Estado, embora a distribuição da produção assinala forte concentração nas DIRAs de São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Marília e Ribeirão Preto, regiões onde se produz aproximadamente 70% do volume total. A seguir, colocam-se as DIRAs de Bauru, Campinas, Sorocaba e Araçatuba, com produções menores, enquanto nas de São Paulo e Vale do Paraíba a produção tem-se mostrado irrelevante (quadro 4 e figura 1).

Parece intuitivo, portanto, que as maiores regiões produtoras sejam aquelas que concentrem o maior número de estabelecimentos produtores de café, refletindo a própria estrutura de produção, que tem, nas propriedades pequenas e médias, o maior peso (quadro 5 e figura 1). De fato, ao examinar tal distribuição, verifica-se que nas regiões maiores produtoras estão localizados 66,4% dos estabelecimentos produtores de café, nas de produção média 32,0%; e apenas 1,6% nas de menor produção. Observa-se, com base no cruzamento da produção média com o número médio de estabelecimentos, que a maior produção por estabelecimento estaria nas propriedades localizadas nas regiões de Marília e Presidente Prudente. Este fato demonstra no agregado que não são os níveis de produção por unidade regional nestas DIRAs são presumivelmente superiores, como também os processos ou técnicas de comercialização (quadro 6), se aceita a hipótese de que o desenvolvimento da atividade se faz à mercê do processo adquirido em outras áreas, como o mercado e a comercialização.

Visão mais desagregada dos níveis médios de produção por estabelecimento tem-se com a média de produção regional. Consta-se por este índice que a média no Estado é de 351,6 sacas de café coco por estabelecimento. No geral, prevalecem médias inferiores a esta, à exceção daquelas registradas nas DIRAs de Presidente Prudente e Marília, isto porque existe um número relativamente menor de propriedades produzindo quantidades maiores. Esta afirmativa constitui de certo modo um indicador de produtividade e presumivelmente de mercado, isto porque de certa forma o resultado de maiores índices deve-se a um grupo de produtores mais qualificados, para os quais o nível de

QUADRO 4. - Produção de Café Segundo as DIRAs do Estado de São Paulo, Safras 1972/73 e 1974/75

(em saca em coco, 40kg)

DIRA	1972/73	1973/74	1974/75
São Paulo	193.156	289.324	181.664
Vale do Paraíba	31.137	11.094	186
Sorocaba	1.412.819	2.422.733	724.726
Campinas	1.221.142	2.716.557	1.524.049
Ribeirão Preto	2.109.940	3.566.743	1.961.242
Bauru	2.293.624	2.090.807	1.656.077
São José do Rio Preto	4.562.832	6.988.807	5.003.092
Araçatuba	1.624.360	1.449.754	1.154.936
Presidente Prudente	4.151.022	5.266.820	4.946.833
Marília	4.017.124	4.871.554	4.260.573
Total	21.617.156	29.674.193	21.413.378

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

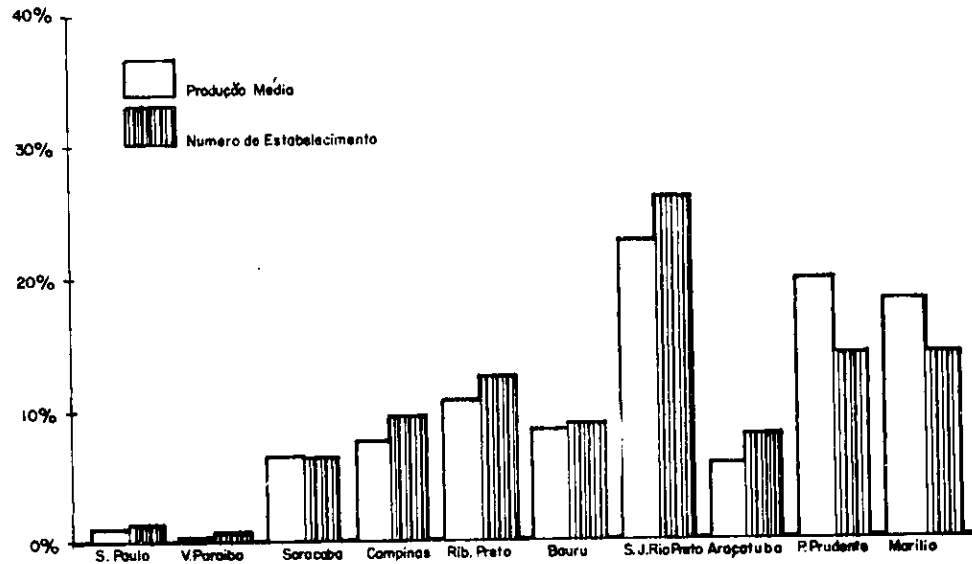


FIGURA 1. - Distribuição de Produção de Café e do Número de Estabelecimentos, por DIRA, Safras 1972/73-1974/75.

QUADRO 5. - Produção Média e Número Médio de Propriedades Cafeeiras no Estado de São Paulo, Segundo as Divisões Regionais Agrícolas, 1972/73-1974/75

DIRA	Produção média segundo as DIRAs		Número médio de estabelecimentos segundo a DIRA		Produção média por estabelecimento segundo a DIRA (saca coco)
	Saca coco	%	1972/73-1974/75	%	
São Paulo	221.381	0,9	919	1,3	240,9
Vale do Paraíba	14.139	0,1	198	0,3	71,4
Sorocaba	1.520.092	6,3	4.295	6,2	353,9
Campinas	1.820.582	7,5	6.273	9,1	290,2
Ribeirão Preto	2.545.977	10,5	8.631	12,5	295,0
Bauru	2.013.502	8,3	5.987	8,7	336,3
São José do Rio Preto	5.518.244	22,7	17.871	26,0	308,8
Araçatuba	1.409.683	5,8	5.506	8,0	256,0
Presidente Prudente	4.788.226	19,8	9.649	14,0	496,2
Marília	4.383.083	18,1	9.597	13,9	456,7
Total	24.234.909	100,0	68.926	100,0	351,6

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 6. - Distribuição Percentual da Produção Média e do Número Médio de Estabelecimento por DIRA, Estado de São Paulo, Safras 1973/74 e 1974/75

DIRA	Produção média (1)	Número médio de estabelecimento (2)	Relação (1)/(2)
São Paulo	0,9	1,3	0,69
Vale do Paraíba	0,1	0,3	0,33
Sorocaba	6,3	6,2	1,02
Campinas	7,5	9,1	0,82
Ribeirão Preto	10,5	12,5	0,84
Bauru	8,3	8,7	0,95
São José do Rio Preto	22,7	26,0	0,87
Araçatuba	5,8	8,0	0,73
Presidente Prudente	19,8	14,0	1,41
Marília	18,1	13,9	1,30
Total	100,0	100,0	1,00

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

produtividade e o processo de comercialização são da maior importância (2). No caso específico da DIRA de Sorocaba, esta influência seria comparativamente menor, dado que o seu nível aproxima-se da média geral.

4 - DESTINO DA SAFRA (COMÉRCIO, CONSUMO E ESTOCAGEM)

Para uma visão, em seus contornos gerais, do processo de comercialização do café pelos produtores, recorreu-se ao destino dado ao produto nos primeiros meses pós-colheita. Considerando-se que o café, colhido no primeiro semestre de cada ano, é comercializado nos dois semestres seguintes, portanto no período de julho a dezembro do mesmo ano, e de janeiro a junho do ano seguinte, recorreu-se às informações colhidas em novembro de 1974 e 1975, quando a maior parcela da produção já foi comercializada e a restante ficou retida no interior para fins de consumo ou de estocagem para posterior venda. Com referência às motivações ou destino dado pelos produtores neste período, merece ser destacado que o volume destinado ao comércio (53,0%) quase que se equipara ao volume retido no interior (46,1%) para posterior comercialização (quadros 7 e 8 e figura 2).

O exame das proporções anuais de destino da safra mostrou-se semelhante, ainda que em termos de produção esses anos fossem de tendência diametralmente oposta. No ano de 1974, em que a produção registrou recorde, a participação dos estoques foi de 47,6%. Em 1975, quando os níveis de produção já acusavam sensíveis quedas, a proporção da safra retida foi semelhante, 44,0%, caracterizando uma maior capacidade de ajustamento da oferta às variações de preço. Assim, embora uma boa parcela da produção seja comercializada até novembro, as perspectivas de obtenção de melhores preços nos meses subsequentes, aliada à maior capacidade de espera e de estocagem de alguns produtores, tem possibilitado a retenção de volume apreciável da safra no interior nos primeiros meses pós-colheita, especialmente na região de Marília, onde a média das unidades armazenadoras (tulhas) por propriedade é mais elevada e a percentagem do café na renda das propriedades maiores gira em torno dos 50% (quadros 9 e 10).

QUADRO 7. - Destino da Colheita do Café por Região no Estado de São Paulo, (Comércio, Consumo e Estocagem), Médias das Safras 1973/74 a 1974/75

(em saca de 40kg)

(continua)

DIRA	Até novembro 1974			Até novembro 1975				
	Comerciali- zação	Consumo	Estocagem	Total	Comerciali- zação	Consumo	Estocagem	Total
São Paulo	-	-	305.353	303.353	75.625	-	95.754	171.379
Vale do Paraíba	3.213	24	7.857	11.094	186	-	-	186
Sorocaba	270.750	4.082	1.421.347	1.696.179	317.996	14.476	339.836	672.308
Campinas	1.137.388	13.799	1.558.002	2.709.189	802.306	21.947	686.424	1.510.677
Ribeirão Preto	2.300.507	14.864	1.539.370	3.944.741	1.108.076	30.229	797.568	1.935.873
Bauru	773.786	8.326	1.297.816	2.079.928	711.857	7.245	872.785	1.591.887
São João R. Preto	5.241.597	69.613	2.155.905	7.467.115	3.239.203	126.039	1.537.847	4.903.089
Araçatuba	763.921	11.169	655.740	1.430.830	596.255	19.583	429.725	1.045.563
Pres. Prudente	3.555.350	6.472	1.940.555	5.502.377	3.308.621	13.529	1.529.923	4.852.073
Marília	1.393.560	66.997	3.429.922	4.890.469	1.149.588	12.218	2.777.118	3.938.924
Total do Estado	15.530.062	195.346	14.311.867	30.037.275	11.309.713	245.266	9.066.980	20.621.959

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 7. - Destino da Colheita do Café por Região no Estado de São Paulo, (Comércio, Consumo e Estocagem), Médias das Safras 1973/74 a 1974/75

(em saca de 40kg)

(conclusão)

DIRA	Média novembro 1974 e 1975			
	Comercialização	Consumo	Estocagem	Total
São Paulo	37.813	-	200.554	238.367
Vale do Paraíba	1.699	12	3.929	5.640
Sorocaba	294.373	9.279	890.591	1.184.243
Campinas	969.847	17.873	1.122.213	2.109.933
Ribeirão Preto	1.749.292	22.546	1.168.469	2.940.307
Bauru	742.821	7.786	1.085.300	1.835.907
São José do Rio Preto	4.240.400	97.826	1.846.876	6.135.102
Araçatuba	680.088	15.376	542.732	1.238.196
Presidente Prudente	3.431.986	10.001	1.735.239	5.177.226
Marília	1.271.569	39.607	3.103.520	4.414.696
Total do Estado	13.419.888	220.306	11.669.423	25.329.617

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 8. - Percentual de Café Comercializado, Consumido e Estocado por Região no Estado de São Paulo, Safras 1973/74 e 1974/75

DIRA	Média 1974 e 1975 ⁽¹⁾				Média 1974 e 1975 ⁽¹⁾			
	Comercia- lização	Consumo	Estocagem	Total	Comercia- lização	Consumo	Estocagem	Total
São Paulo	0,3	-	1,7	0,9	15,9	-	84,1	100,00
Vale do Paraíba	0,0	0,0	0,0	0,0	30,1	0,2	69,7	100,00
Sorocaba	2,2	4,2	7,5	4,7	24,9	0,8	74,3	100,00
Campinas	7,2	8,1	9,6	8,3	46,0	0,8	53,2	100,00
Ribeirão Preto	13,0	10,2	10,0	11,6	59,5	0,8	39,7	100,00
Bauru	5,5	3,5	9,3	7,3	40,5	0,4	59,1	100,00
São José do Rio Preto	31,6	44,4	15,8	24,4	68,6	1,6	29,8	100,00
Araçatuba	5,1	7,0	4,6	4,9	54,9	1,3	43,8	100,00
Presidente Prudente	25,6	4,6	14,9	20,5	66,3	0,2	33,5	100,00
Marília	9,5	18,0	26,6	17,4	28,8	0,9	70,3	100,00
Total do Estado	100,0	100,0	100,0	100,0	53,0	0,9	46,1	100,00

⁽¹⁾ Resultados obtidos até novembro de 1974 e 1975.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

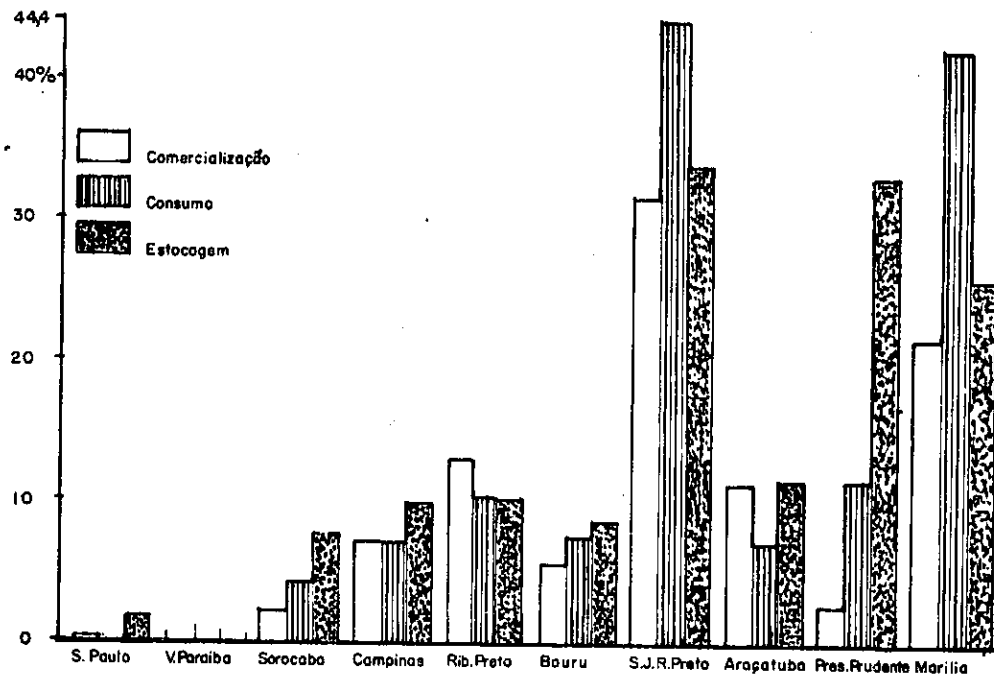


FIGURA 2 - Distribuição do Café Colhido, Segundo o Destino e a DIRA de Origem, Safras 1973/74-1974/75, até Novembro/74 e Novembro/75.

QUADRO 9. - Percentagem do Café na Renda da Propriedade (¹), Estado de São Paulo, 1975

Estrato	DIRA					
	Bauru	Araçatuba	Marília	Ribeirão Preto	Presidente Prudente	São José do Rio Preto
3,1 - 5,0	58,6	61,7	100,0	-	88,3	80,0
5,1 - 10,0	59,4	46,7	72,0	15,0	98,1	71,0
10,1 - 20,0	70,0	53,8	74,6	36,7	79,9	60,8
20,1 - 30,0	50,8	55,3	73,0	49,5	74,1	56,1
30,1 - 50,0	63,2	56,8	65,3	45,8	74,6	49,4
50,1 - 100,0	61,8	42,7	55,4	53,0	70,2	41,8
100,1 - 200,0	54,0	45,9	53,5	38,2	60,1	43,6
200,1 - 300,0	53,9	33,4	54,4	49,4	78,3	46,6
300,1 - 500,0	63,6	30,8	48,3	49,7	60,0	38,4
500,1 - 1000,0	45,9	26,6	37,6	27,0	27,5	30,4
1000,1 - 3000,0	43,0	15,0	47,7	25,4	70,0	34,5
+ de 3000,0	53,3	21,7	40,3	15,0	50,0	55,0

(¹) Setembro de 1975.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 10. Número de Tulhas e Número de Propriedades Cafeeiras, Estado de São Paulo, 1975

DIRA	Nº de tulhas ⁽¹⁾	Nº de propriedades ⁽²⁾	Tulha propriedades
São Paulo	524	527	0,99
Vale do Paraíba	11	16	0,69
Sorocaba	2.171	3.183	0,68
Campinas	5.126	5.191	0,99
Ribeirão Preto	6.006	6.765	0,89
Bauru	5.706	5.523	1,03
São José do Rio Preto	12.715	18.471	0,69
Araçatuba	5.376	4.448	1,21
Presidente Prudente	8.391	10.343	0,81
Marília	12.484	8.427	1,48
Total do Estado	58.510	62.894	0,93

⁽¹⁾ Setembro de 1975.

⁽²⁾ Julho de 1975.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

5 - COMERCIALIZAÇÃO

5.1 - Volume de Comercialização Segundo as DIRAs

A distribuição da produção de café comercializada por ocasião do início da safra (até novembro), segundo as regiões agrícolas, evidencia que, em razão das maiores concentrações de produção nas regiões de São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Ribeirão Preto e do fato de que nessas DIRAs o número de tulhas por propriedade é menor, as maiores quantidades do produto para fins de comércio no Estado de São Paulo são escoadas dessas regiões logo após a colheita, quantidades estas que podem atingir a casa dos 70% do volume total de café comercializado até novembro. É importante assinalar que, nas regiões como São José do Rio Preto e Presidente Prudente, o número de pequenas propriedades é altamente representativo em termos do Estado e da própria DIRA, sendo o café a parcela dominante da renda dessas propriedades, especialmente na última, onde esta contribuição pode chegar a representar 98,1% da renda total.

Observou-se que, contrariamente ao registrado nessas DIRAs, na região de Marília a participação de produção dos produtores foi menor neste primeiro período, permitindo supor que nesta tendência divergente de período de comercialização, a maior capacidade de armazenamento das propriedades cafeeiras ou de espera desses produtores exerce forte influência. Como corolário disto há uma maior participação dos produtores dessa DIRA no segundo período, fato que resulta de uma especialização maior nas práticas de comercialização, por parte desses produtores, uma vez que tais práticas visam basicamente à obtenção de melhores preços, nos mercados interno e externo, em meados do primeiro semestre de cada ano, quando as cotações nos mercados interno e externo atingem valores mais elevados (quadro 11).

Quanto às perspectivas de participação na oferta ao mercado após novembro, tudo indica que sejam maiores para os produtores de Marília e menores para os de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, uma vez que estes, comercializando 2/3 de sua produção no primeiro período, teriam apenas 1/3 a oferecer no período seguinte.

Relacionando este resultado com a importância atribuída ao café na renda da propriedade, verifica-se que esse valor se situa em nível elevado na região de Presidente Prudente para todos os tamanhos de propriedade.

QUADRO 11. - Percentual Comercializado pela DIRA e Percentual da Produção Destinado à Comercialização, até Novembro em Cada DIRA, Estado de São Paulo, Média das Safras 1973/74 - 1974/75

DIRA	Comercializado pela DIRA/Comercializado pelo Estado	Comercialização da DIRA/Produção da DIRA
São Paulo	0,3	15,9
Vale do Paraíba	0,0	30,1
Sorocaba	2,2	24,9
Campinas	7,2	46,0
Ribeirão Preto	13,0	59,5
Bauru	5,5	40,5
São José do Rio Preto	31,6	68,6
Araçatuba	5,1	54,9
Presidente Prudente	25,6	66,3
Marília	9,5	28,8
Total do Estado	100,0	-

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Esta afirmativa, no entanto, não é válida para os produtores de São José do Rio Preto, pois, isolado o efeito da renda, verifica-se que nesta DIRA a relação número de tulpas por propriedade alcança os mais baixos níveis, podendo-se inferir que esta condicionante influi nos destinos da safra cafeeira logo após a colheita.

5.2 - Volume de Estocagem Segundo as DIRAs

Com base nas evidências anteriores é de se supor que menor participação no comércio de café, no primeiro período da safra, induz a uma maior participação no segundo período, em função das perspectivas de obtenção de melhores preços. O caso mais evidente foi constatado na região de Marília, onde a menor oferta ao comércio no primeiro semestre significou uma retenção de parcela apreciável da produção. Os resultados revelaram que do total da produção retida (46,1%), 26,6% encontravam-se armazenados no interior das propriedades cafeeiras desta DIRA. Em razão disso, parece plausível supor que a maior fração de ganhos na comercialização do café tem sido capitalizada por estes produtores em função dos preços mais altos obtidos no segundo semestre do ano cafeeiro. Esse ganho, conforme já foi salientado, tornou-se viável em razão da maior capacidade de retenção do café nas propriedades cafeeiras existentes nesta DIRA.

Verificou-se que os estoques mais significativos podem ser encontrados nas regiões de São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Ribeirão Preto, ainda que em termos regionais a sua importância seja relativamente pequena, dada a grande parcela de produção já comercializada no primeiro período do ano agrícola. Em termos físicos, os estoques dos produtores destas DIRAs em relação à estocagem no Estado, auferida em novembro, foram de 15,8%, 14,9% e 10,0% respectivamente. A participação desses estoques em relação à produção total colhida na DIRA foi de 29,8%, 33,5% e 39,7%, respectivamente. A nível regional, o volume desses estoques totalizou 29,8% da produção interna da DIRA de São José do Rio Preto, 33,5% da de Presidente Prudente e 39,7% da de Ribeirão Preto. Nas demais, a quantidade de café estocada se apresentou em níveis inferiores a 10% do total retido no interior, muito embora estes estoques internamente alcançassem maior participação relativa na produção regional, a exemplo do que ocorreu nas DIRAs de São Paulo, Vale do Paraíba e Sorocaba (quadro 12).

QUADRO 12. - Percentual Estocado pela DIRA e Percentual da Produção Destinado à Estocagem em Cada DIRA, Estado de São Paulo, Média das Safras 1973/74 e 1974/75, até Novembro

DIRA	Estocado pela DIRA/Estocado pelo Estado	Estocagem da DIRA/Produção da DIRA
São Paulo	1,7	84,1
Vale do Paraíba	0,0	69,7
Sorocaba	7,5	74,3
Campinas	9,6	53,2
Ribeirão Preto	10,0	39,7
Bauru	9,3	59,1
São José do Rio Preto	15,8	29,8
Araçatuba	4,6	43,8
Presidente Prudente	14,9	33,5
Marília	26,6	70,3
Total do Estado	100,0	-

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

5.3 - Volume de Comercialização Segundo as Categorias de Agentes Compradores ou Intermediários

A partir da caracterização inicial do destino da safra cafeeira, apresenta-se, a seguir, a desagregação do volume de comércio, segundo as principais categorias de agentes intermediários, participantes do segundo estágio do processo de comercialização (quadro 13 e figura 3).

De modo geral, pode-se dizer que nesse segundo estágio assumem função destacada os maquinistas, visto que a grande maioria dos produtores, não possuindo máquinas de benefício, deles se utilizam para a venda e processamento de sua produção. A existência de um grande número desses maquinistas espalhados por toda a zona de produção é uma das características mais notáveis do atual comércio de café. É muito freqüente, inclusive, encontrar-se maquinistas ambulantes, beneficiando café nas propriedades. Constavam do cadastro do IBC aproximadamente 463 estabelecimentos de benefício em 1974, estimando-se que nos anos de 1973/74 e 1974/75 tenha sido orientada para esses agentes cerca de 77,8% da produção colhida e comercializada no primeiro período do ano cafeeiro (novembro). Por esta posição, o maquinista é o ponto central da distribuição do café no segundo estágio (quadro 14).

Ao lado desses agentes, os chamados "Outros agentes" realizam suas compras diretamente junto aos produtores, cuja atuação está representada por um percentual médio inferior de 13,2%.

As cooperativas movimentaram apenas 8,2%, sendo os demais negócios (0,8%) efetuados diretamente com o IBC.

5.4 - Volume de Comercialização por DIRA Segundo a Categoria do Agente

5.4.1 - Maquinista

A atividade de beneficiamento tem contado com a participação de produtores e comerciantes, sendo que em diversos casos pode-se aduzir ao produtor a dupla função de produtor-maquinista. Tal fato acontece, especialmente, junto aos grandes proprietários, possuidores de máquina de benefício, mais preparados para usufruir das vantagens adicionais desse empreendimento.

QUADRO 13. - Volume de Comercialização Segundo as Categorias de Agentes Compradores ou Intermediadores, Novembro 1974 e 1975

Agente comprador ou intermediador	Safra 1973/74		Safra 1974/75		Média 1973/74 e 1974/75	
	Saca coco	%	Saca coco	%	Volume (saca coco)	%
IBC	217.628	1,4	5.016	0,1	111.322	0,8
Maquiristas	11.633.632	74,9	9.245.077	81,7	10.439.354	77,8
Cooperativas	1.043.354	6,7	1.157.529	10,2	1.100.442	8,2
Outros	2.635.448	17,0	902.091	8,0	1.768.770	13,2
Total	15.530.062	100,0	11.309.713	100,0	13.419.888	100,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

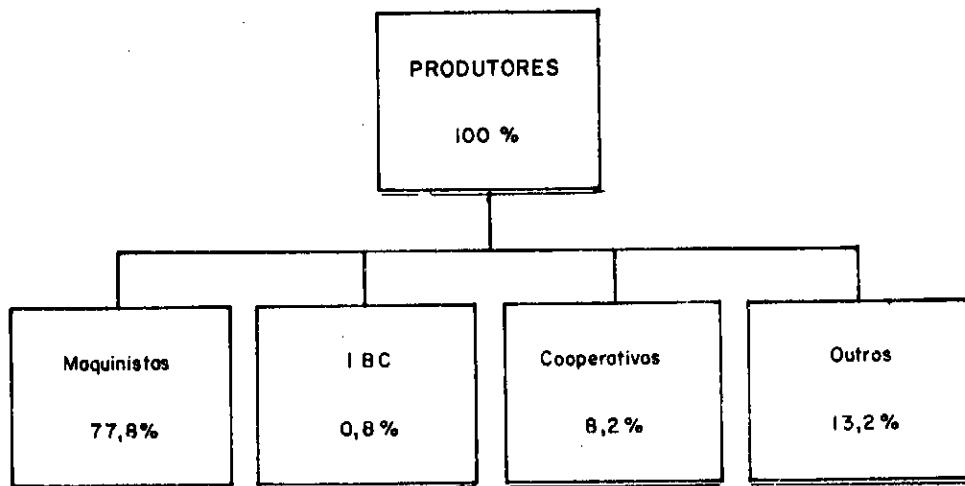


FIGURA 3. - Distribuição de Café Comercializado, Segundo os Agentes, Safras 1973/74-1974/75, até Novembro/74 e Novembro/75.

QUADRO 14. - Volume de Comercialização pelos Maquinistas, Segundo as DIRAs do Estado de São Paulo, até Novembro de 1974 e de 1975

DIRA	SafrA 1973/74		SafrA 1974/75			Media 1973/74 e 1974/75			
	Saca	coco	%	Saca	coco	%	Saca	coco	%
São Paulo	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vale do Paraíba	3.213	0,1	186	0,0	1.699	0,0			
Sorocaba	219.989	1,9	290.171	3,1	255.080	2,5			
Campinas	883.964	7,6	642.531	7,0	763.248	7,3			
Ribeirão Preto	1.375.226	11,8	596.103	6,4	985.664	9,4			
Bauru	564.129	4,8	630.097	6,8	597.113	5,7			
São José do Rio Preto	3.436.372	29,5	2.757.906	29,8	3.097.139	29,7			
Araçatuba	670.479	5,8	515.827	5,6	593.153	5,7			
Presidente Prudente	3.246.259	27,9	2.872.167	31,1	3.059.213	29,3			
Marília	1.234.001	10,6	940.089	10,2	1.087.045	10,4			
Total	11.633.632	100,0	9.245.077	100,0	10.439.354	100,0			

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Aos maquinistas teriam sido canalizados 77,8% da produção total destinada ao comércio no primeiro período pós-colheita, volume este que teria advindo em proporções maiores dos produtores das regiões de São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Marília. As produções destas DIRAs asseguraram quase 70% do volume total negociado através destes agentes, cabendo às produções de Ribeirão Preto, Campinas, Araçatuba e Bauru contribuições menores da ordem de 9,4%, 7,3%, 5,7% e 5,7%, respectivamente (quadro 15).

Quanto à participação desse intermediário no âmbito da comercialização dentro de cada DIRA, os resultados indicam que este constitui-se no agente canalizador dos maiores fluxos de comércio, à exceção daqueles que operam na região de Ribeirão Preto, onde a participação, ainda que elevada, é comparativamente menor em razão da maior atuação neste mercado dos chamados Outros Agentes (figura 4).

5.4.2 - Outros agentes não especificados

Embora a pesquisa não tenha sido explícita quanto ao tipo de agente inserido nesta categoria, informações de caráter empírico revelam tratar-se de corretores e firmas de representação de grandes firmas que compram e beneficiam o café, transferindo posteriormente para seus terminais. Demonstram maior interesse pelos cafés das regiões de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, onde em conjunto centralizam cerca de 80% do total de café adquirido (quadros 16 e 17).

Em outras regiões, eles comparecem adquirindo parcelas menores, ficando ausente nas regiões do Vale do Paraíba e São Paulo.

5.4.3 - Cooperativas

As cooperativas, conforme indicado anteriormente, movimentam ainda pequena parcela da produção no Estado. Deve-se, porém, assinalar que o vínculo, no caso de produtor com a cooperativa, é apenas o de associado com direito a serviços. Portanto, a venda segue-se a atividade de prestação de serviço, podendo a cooperativa funcionar apenas como intermediadora.

O maior significado dessas unidades no Estado dá-se hoje junto aos

QUADRO 15. - Percentual Comercializado pelos Maquinistas e Percentual Comercializado, Segundo as DIRAs do Estado de São Paulo, Safras 1973/74 e 1974/75 até Novembro

DIRA	Comercializado pelos maquinistas		Comercializado pela DIRA		Relação (2)/(4)
	% (1)	Saca coco (2)	% (3)	Saca coco (4)	
Sorocaba	2,5	255.080	2,2	294.373	0,86
Campinas	7,3	763.248	7,2	969.847	0,78
Ribeirão Preto	9,4	985.664	13,0	1.749.292	0,56
Bauru	5,7	597.113	5,5	742.821	0,80
São J. R. Preto	29,7	3.097.139	31,6	4.240.400	0,73
Araçatuba	5,7	593.153	5,1	680.088	0,87
Pres. Prudente	29,3	3.059.213	25,6	3.431.986	0,89
Marília	10,4	1.087.045	9,5	1.271.569	0,85
Outras	-	1.699	0,3	39.512	0,04
Total do Estado	100,0	10.439.354	100,0	13.419.888	0,77

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

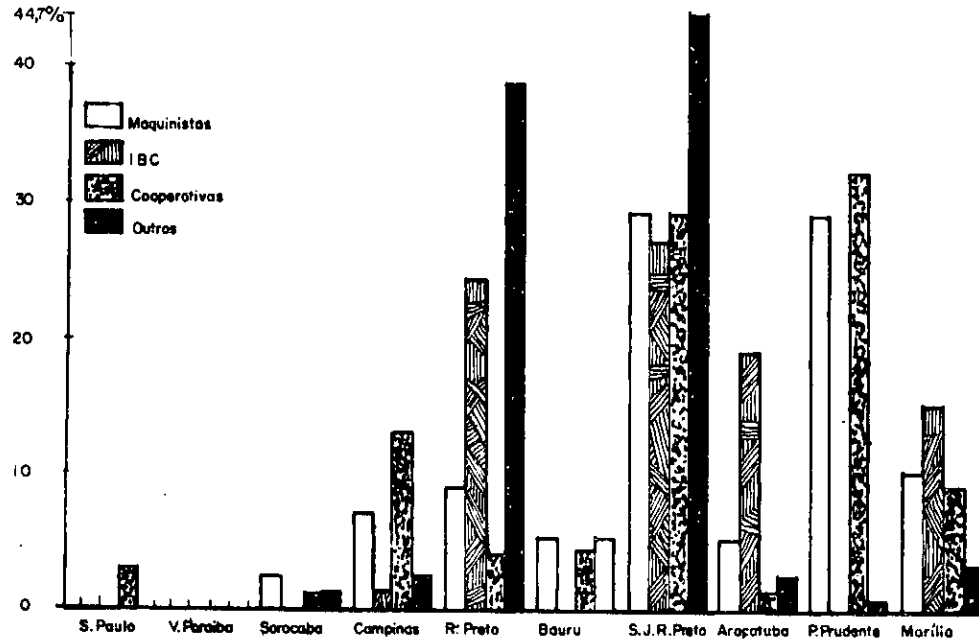


FIGURA 4. - Distribuição do Café Comercializado nas DIRAs, segundo os Agentes, Safras 1973/74 e 1974/75 até Novembro/74 e Novembro/75.

QUADRO 16. - Volume de Comercialização pelos Outros Agentes Segundo as DIRAs do Estado de São Paulo, até Novembro de 1974 e de 1975

DIRA	Safra 1973/74		Safra 1974/75		1973/74 e 1974/75 média	
	Saca coco	%	Saca coco	%	Saca coco	%
São Paulo	-	-	-	-	-	-
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	50.761	1,9	-	-	25.381	1,4
Campinas	28.463	1,1	67.012	7,4	47.738	2,7
Ribeirão Preto	940.647	35,7	443.700	49,2	692.173	39,1
Bauru	143.929	5,5	46.221	5,1	95.075	5,4
São José do Rio Preto	1.394.296	52,9	185.740	20,6	790.018	44,7
Araçatuba	23.552	0,9	64.800	7,2	44.176	2,5
Presidente Prudente	-	-	25.894	2,9	12.947	0,7
Marília	53.800	2,0	68.724	7,6	61.262	3,5
Total	2.635.448	100,0	902.091	100,0	1.768.770	100,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 17. - Percentual Comercializado pelos Outros Agentes e Percentual Comercializado, Segundo as DIRAS do Estado de São Paulo, Safras 1973/74 - 1974/75, até Novembro

DIRA	Comercializado pelos outros Agentes		Comercializado pela DIRA		Relação (2)/(4)
	% (1)	Saca coco (2)	% (3)	Saca coco (4)	
Sorocaba	1,4	25.381	2,2	294.373	0,086
Campinas	2,7	47.738	7,2	969.847	0,049
Rib. Preto	39,1	692.173	13,0	1.749.292	0,395
Bauru	5,4	95.075	5,5	742.821	0,127
São J. R. Preto	44,7	790.018	31,6	4.240.400	0,186
Araçatuba	2,5	44.176	5,1	680.088	0,064
Pres. Prudente	0,7	12.947	25,6	3.431.986	0,003
Marília	3,5	61.262	9,5	1.271.569	0,048
Outras	-	-	0,3	39.512	-
Total do Estado	100,0	1.768.770	100,0	13.419.888	0,139

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

produtores de Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Campinas, dado que, do volume de produção comercializado via esses estabelecimentos, 75,1% têm estas origens (quadros 18 e 19). Concorre para isto o grande número de estabelecimentos que operam com café, a exemplo das Cooperativas Centrais de Campinas (Central Agropecuária de Campinas), de Adamantina (Cooperativa Central Agrícola de São Paulo) e de Jales, (Cooperativa Central Sul Brasil), bem como diversas outras cooperativas menores (específicas ou mistas).

5.4.4 - Instituto Brasileiro de Café (IBC)

~~Tornou-se irrelevante~~ Contrariamente ao que ocorreu no passado, a venda de café ao IBC tornou-se irrelevante e de caráter esporádico. As informações disponíveis revelam que, nas safras 1973/74 e 1974/75, as poucas sacas de café comercializadas ao IBC foram registradas no primeiro período pós-colheita, nas regiões de Campinas, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Araçatuba e Marília. No período seguinte, primeiro semestre, não foram registradas vendas ao IBC, à exceção de 4.469 sacas vendidas na região de Araçatuba e 547 na região de Marília (quadro 20).

6 - CONCLUSÃO

As primeiras inferências da análise dos dados ao nível de produção foram de que os movimentos de concentração inicial da colheita para posterior distribuição ao comércio se caracterizam, de um lado, por um grande número de pequenos e médios produtores e, de outro, por um pequeno número de grandes produtores. Considerando o tamanho das propriedades como um indicador de produção, registra-se que o grupo mais numeroso (82,9%), cujas propriedades têm menos de 100 hectares, comparece ao mercado ofertando 53,1% da produção destinada ao comércio. Já os 17,1% de produtores com propriedades acima de 100 hectares comercializam 46,9%.

Não se constatou evidência de que houvesse maior grau de eficiência nas práticas de comercialização nas propriedades maiores; entretanto, presume-se que esta eficiência aumente à medida que as propriedades tornam-se maiores. Conseqüentemente, é de se supor uma maior participação no mercado

QUADRO 18. - Volume de Comercialização pelas Cooperativas, Segundo as DIRAs, Estado de São Paulo, até Novembro de 1974 e 1975

DIRA	Safras 1973/74		Safras 1974/75		1973/74 e 1974/75 média	
	Saca coco	%	Saca coco	%	Saca coco	%
São Paulo	-	-	75.625	6,5	37.812	3,5
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	-	-	27.825	2,4	13.913	1,3
Campinas	196.068	18,7	92.763	8,0	144.416	13,1
Ribeirão Preto	19.886	2,0	68.273	5,8	44.080	4,0
Bauru	65.728	6,2	35.539	3,0	50.634	4,6
São José do Rio Preto	349.977	33,5	295.557	25,6	322.767	29,3
Araçatuba	31.017	3,0	11.159	1,0	21.088	1,9
Presidente Prudente	309.091	29,6	410.560	35,5	359.825	32,7
Marília	71.587	7,0	140.228	12,2	105.907	9,6
Total	1.043.354	100,0	1.157.529	100,0	1.100.442	100,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 19. - Percentual Comercializado pelas Cooperativas e Percentual Comercializado, Segundo as DIRAs do Estado de São Paulo, Safras 1973/74 - 1974/75, até Novembro

DIRA	Comercializado através das cooperativas		Comercializado pela DIRA		Relação (2)/(4)
	% (1)	Saca coco (2)	% (3)	Saca coco (4)	
Sorocaba	1,3	13.913	2,2	294.373	0,047
Campinas	13,1	144.416	7,2	969.847	0,148
Ribeirão Preto	4,0	44.080	13,0	1.749.292	0,025
Bauru	4,6	50.634	5,5	742.821	0,068
São J. R. Preto	29,3	322.767	31,6	4.240.400	0,076
Araçatuba	1,9	21.088	5,1	680.088	0,031
Pres. Prudente	32,7	359.825	25,6	3.431.986	0,104
Marília	9,6	105.907	9,5	1.271.569	0,083
Outros	3,5	37.812	0,3	39.512	0,956
Total do Estado	100,0	1.100.442	100,0	13.419.888	0,082

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 20. - Volume de Comercialização pelo IBC Segundo as DIRAs do Estado de São Paulo, até Novembro de 1974 e de 1975

DIRA	Safrá 1973/74		Safrá 1974/75		1973/74 3 1974/75	
	Saca coco	%	Saca coco	%	Saca coco	%
São Paulo	-	-	-	-	-	-
Vale do Paraíba	-	-	-	-	-	-
Sorocaba	-	-	-	-	-	-
Campinas	28.893	13,2	-	-	14.446	13,0
Ribeirão Preto	54.748	25,2	-	-	27.374	24,6
Bauru	-	-	-	-	-	-
São José do Rio Preto	60.952	28,0	-	-	30.476	27,4
Araçatuba	38.873	17,9	4.469	89,0	21.671	19,5
Presidente Prudente	-	-	-	-	-	-
Marília	34.162	15,7	547	11,0	17.355	15,5
Total	217.628	100,0	5.016	100,0	111.322	100,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

de produtores com grande eficiência comparativamente menor (2), uma vez que o número de propriedades pequenas é maior.

A média de produção por propriedade no Estado encontra-se por volta de 351,6 sacas de café coco. Médias superiores só foram registradas nas regiões de Presidente Prudente, Marília e Sorocaba, sendo que nesta última os valores foram quase que idênticos à média. Assim, há maior participação proporcional de propriedades com produtividade média superior nessas regiões e com maior grau de especialização nas práticas de comercialização.

Quanto às práticas de comercialização, ficou claro que nos anos considerados até novembro os produtores só liberam para o comércio metade da produção (53,0%), permanecendo estocado no interior cerca de 46,1%. A quantidade de café destinada ao consumo nas propriedades é pouco relevante (0,9%).

Participam mais ativamente do comércio do café, neste primeiro período, as produções das DIRAs de São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Ribeirão Preto, uma vez que asseguram cerca de 70% do volume total negociado, com a liberação de mais de 2/3 da produção regional. A menor participação dos cafés da região de Marília é a nota de destaque neste primeiro período de comercialização.

Os maiores estoques e, conseqüentemente, a maior capacidade de retenção da produção no interior ocorrem na região de Marília, que participa com apenas 9,5% da comercialização, retendo cerca de 26,6% dos estoques.

São igualmente significativos os estoques de café das regiões de São José do Rio Preto, Presidente Prudente e Ribeirão Preto, uma vez que conjuntamente representam cerca de 40% do volume armazenado.

Sendo significativa a quantidade de café retida nessas regiões, destaca-se a possibilidade de que os produtores dessas áreas aфирam melhores preços por ocasião da comercialização, uma vez que apresentam parcela ponderável da produção não comercializada até novembro.

Dentro da seqüência de canais de comercialização por que passa o café, assume função destacada, como agente comprador, o maquinista, que é comerciante e às vezes produtor.

A maior participação dos maquinistas no mercado se deve especialmente à impossibilidade dos produtores de investir em um bem de capital de custo elevado e de pouco uso durante o ano.

As cooperativas participam de modo pouco significativo na prestação desse serviço, uma vez que em média só lhes foram destinados 8,2% da produção comercializada no período considerado. O número dessas unidades é bem menor que o número de maquinistas existentes nas zonas de produção. Muitos

deles são possuidores de máquinas de benefício do tipo ambulante, fato que lhes permite ir até a porteira da propriedade.

Eventuais compradores de grandes firmas comparecem comprando quantidade semelhante à destinada às cooperativas, especialmente nas regiões de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto.

No período estudado, face aos preços de garantia relativamente baixos, as vendas de café ao IBC foram pouco significativas e de caráter esporádico.

LITERATURA CITADA

1. CAMPOS, H. de & PIVA, L. H. de O. Dimensionamento de amostra para estimativa e previsão da safra no Estado de São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP, 21 (3):65-88, 1974.
2. STEELE, H. L.; VERA F. F.; WELSH, R. C. Comercialização agrícola. São Paulo, Atlas, 1971. 443p.

RESUMO

Este trabalho estuda o quadro geral da produção de café do Estado de São Paulo de modo a obter uma visão do processo inicial de comercialização e dos canais de distribuição, salientando as práticas de comercialização adotadas pelos produtores.

Foram utilizados os dados primários colhidos junto aos produtores de café nas pesquisas efetuadas pelo IEA em seus levantamentos de previsão de safra, e os dados que caracterizam a produção são referentes aos anos de 1973, 1974 e 1975, enquanto que os que se referem ao destino e comercialização limitam-se à 1974 e 1975.

No período em estudo a produção média do estado foi de 24,2 milhões de sacas coco, distribuídas em aproximadamente 70,0 mil propriedades. No comércio de café a oferta do produto dependia de dois grupos distintos : um grande grupo de produtores (82,9%) com propriedades menores que 100,0ha assegurando praticamente a metade do fornecimento ao mercado (53,1%) e um pequeno grupo de produtores (17,1%) com propriedades maiores que 100,0ha assegurando a oferta remanescente (46,9%). Quanto ao destino dado ao produto nos meses seguintes à colheita, verificou-se que até novembro os produtores colocaram no mercado 53,0% da produção, enquanto que 46,1% ficou retido para posterior comercialização e 0,9% havia sido armazenado para consumo próprio. Do total comercializado, a maior parcela (77,8%) foi demandada pelos proprietários de máquinas de benefício, rebenefício e padronização, conhecidos como "maquinistas". Ao lado desse principal agente de comercialização, realizaram suas compras junto aos produtores "outros comerciantes" (13,2%) e o Instituto Brasileiro do Café (0,8%), enquanto que 8,2% da produção foi movimentada através das Cooperativas de Cafeicultores.

SECRETARIA DA AGRICULTURA
INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA

Comissão Editorial:

Coordenador: P. D. Criscuolo

Membros: A. A. B. Junqueira

I. F. Pereira

P. F. Bemelmans

P. E. N. de Toledo

F. A. Pino

S. Nogueira Jr.

Centro Estadual da Agricultura
Av. Miguel Estefano, 3900
04301 - São Paulo - SP

Caixa Postal, 8114
01000 - São Paulo - SP
Telefone: 275-3433 R. 259



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura
Instituto de Economia Agrícola

Relatório de Pesquisa
Nº 21/79

CAPA IMPRESSA NA
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S/A - IMESP